



A ALMA DO CAMPO NO EXÍLIO DA CIDADE: VIVÊNCIAS CIDADINAS E EXPERIÊNCIA RURAL NA LITERATURA PORTUGUESA DO SÉCULO XIX

Adalmir Leonidio*
Universidade de São Paulo – USP
leonidio@usp.br

RESUMO: Este artigo apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa mais ampla sobre as diferentes variantes do tema da fuga da cidade para o campo na literatura portuguesa, entre os séculos XIX e XX, a partir da análise de um conjunto de obras bastante variado. Busca mostrar, particularmente, que a recorrência do tema na cultura portuguesa está relacionada às dificuldades encontradas por Portugal em seu processo de modernização, tomado em sentido amplo.

PALAVRAS-CHAVE: Campo – Cidade – Literatura – Portugal

THE FIELD'S SOUL IN CITY EXILE: CITY EXPERIENCES AND RURAL EXPERIENCES IN PORTUGUESE LITERATURE OF THE XIX CENTURY

ABSTRACT: This article presents the first results of a wider research on the different variants about the city escape theme to the field, in Portuguese literature, between the nineteenth and twentieth centuries, from the analysis of a set of very varied works. Seeks to show, particularly the issue of this recurrence in Portuguese culture is related to the difficulties encountered by Portugal in its modernization process, taken in a broad sense.

KEYWORDS: Field – City – Literature – Portugal

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

O tema da fuga do campo para a cidade ou da idealização da vida no campo é antigo e assume contornos bastante diferentes, conforme os diferentes

* Livre Docente, professor associado do Departamento de Economia e Sociologia da ESALQ/USP.

contextos históricos. Em Portugal, ele surge nos séculos XVI e XVII, a partir da oposição entre corte e aldeia, constituindo-se a corte em expressão refinada da vida em cidade. Por seu lado, o campo é visto como meio de salvação da alma contaminada pela “vida mundana” dos ambientes de corte. No século XIX, ele será ressemantizado a partir da idilização da natureza pelos românticos. Neste contexto, a corte, apesar de não estar mais associada à vida mundana, continua a ser anatematizada, porque representa agora os hábitos aristocráticos decadentes do antigo regime português. Mas apesar de liberais na expressão, os valores românticos não são os da burguesia citadina. Por isso mesmo que o campo aparece como a expressão de um mundo autêntico, portador de nostalgias e códigos de moralidade e estética. Na medida em que a modernização avança timidamente em Portugal, o tema permanecerá ao longo do século XIX e mesmo do XX.

ANOTAÇÕES PARA UMA PESQUISA SOBRE A CULTURA PORTUGUESA DOS OITOCENTOS

Há na literatura portuguesa um certo movimento de regresso aos temas rurais – objeto desta pesquisa –, com certa persistência ao longo da história, mesmo entre os mais convictos “homens de civilização”. A origem deste movimento pode ser localizada no ideal de “felicidade dos campos” dos séculos XVI e XVII. Mas foi com o romantismo que ele começou a enraizar-se de tal forma, que seus rebentos poderiam ser vistos muito para além do século XIX, como é testemunha os romances rurais de Aquilino Ribeiro: *Terras do Demo* (1919), *Andam Faunos pelos bosques* (1926), *Os avós dos nossos avós* (1943), *Aldeia* (1946), *Geografia sentimental* (1951), etc.

A primeira obra do romantismo português de importância para o tema foi, sem dúvida, *Viagens na minha terra* (1846), de Almeida Garrett (1799-1854). Durante a sua estadia na Inglaterra, entre 1823 e 1826, e sob a influência de Walter Scott (1771-1832), foi que Garret passou a interessar-se pelas tradições nacionais, iniciando a recolha de romances populares portugueses. *Viagens na minha terra* é um misto de narrativa de viagens, de crônica jornalística, de autobiografia, de comentário político, de novela sentimental. Trata-se de um relato de um fato verídico: a viagem de Garret, de Lisboa a Santarém, para visitar Passos Manuel, um político liberal ligado a ele. Incrustada nesta narrativa principal, e alternando frequentemente com ela,

encontra-se uma segunda narrativa – uma novela sentimental, a “história da Menina dos Rouxinóis”. A viagem pela tradição e pela história portuguesas é também uma descrição de cenários bucólicos e idílicos, até desembocar no Vale de Santarém, local privilegiado, que recorda a serenidade edênica e onde vivem tipos simples, honestos e felizes, muito embora a novela da “Menina dos Rouxinóis” se enquadre num esquema clássico de tragédia familiar.¹

Em certo sentido, pode-se dizer que o livro é uma cruzada espiritual de Garret contra o avanço da cultura materialista e antireligiosa, esboçada entre os adeptos das ideias liberais, que ele próprio se dizia defensor. E é ele quem o confessa em suas últimas páginas: “Em Portugal não há religião de nenhuma espécie. Ficou o materialismo estúpido, alvar, ignorante, devasso”.² Já mostrei em outro artigo, como esta revolta dos românticos portugueses tinha a ver com o sentimento decadentista que perpassou várias gerações em Portugal. Arcaísmo persistente a olhar com ressabio os avanços da indústria e o apetrechamento técnico do país. Assim, sobre o início da construção de estradas de ferro em Portugal, diria Garret: “Que tenha o governo juízo, que as faça de pedra, e viajaremos com muito prazer e muita utilidade e proveito, na nossa boa terra”.³ E com certa revolta contra as máquinas, que não era ainda prenúncio de maquinismo de nenhuma espécie, diria mais uma vez nosso autor: “Plantai batatas, oh geração de vapor e de pó de pedra”.⁴ Mas é o gosto do campo, de preferência o agricultado⁵, quem tem aqui a última palavra: “Os olivais de Santarém (...) saudei neles o símbolo patriarcal de nossa antiga existência”.⁶

Outro que aderiu à temática foi Alexandre Herculano (1810-1877), da mesma geração de Garret e considerado o iniciador do moderno romance português. *O Pároco da Aldeia*, escrito no início dos anos cinquenta, é um misto de ensaio, novela e

¹ FERREIRA, Maria Ema Tarracha. “Introdução”, in: Almeida Garrett, **Viagens na minha terra**. Lisboa, Ulisseia, 1999, pp. 9-32.

² LEONIDIO, Adalmir. “Os vencidos da vida: literatura e pessimismo em Portugal no século XIX”, **Via Atlântica**, São Paulo, n. 6, 2003.

³ GARRET, Almeida. **Viagens na minha terra**. Lisboa: Ulisseia, 1999, p. 243.

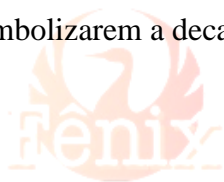
⁴ Ibid., p. 45.

⁵ Antes da industrialização, o campo valorizado pela sensibilidade artística e poética era o campo agricultado. Só com o avanço da industrialização e da urbanização é que os espaços intocados pela mão humana, tais como montanhas e florestas, passam a ser idealizados (WILLIAMS, Raimond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011; THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988).

⁶ GARRET, Almeida. **Viagens na minha terra**. Lisboa: Ulisseia, 1999, p. 153.

memorialismo. A personagem central é um sacerdote bondoso, protetor dos desvalidos, amado das crianças; o ambiente é a aldeia, congregada à volta da Igreja, com a vida ritmada pelo toque do sino, o pôr do sol que estira a sombra da cruz; o povo que se alegra nas manhãs de missa e se delicia com os sermões dos dias de festa cheios de maravilhas; uma espécie de evocação da aldeia da infância de Herculano.⁷ Tempo medieval, ainda não maculado pelo “tempo do relógio”,⁸ “tempo português”, que resistia ao avanço da Europa industrial. Desenha-se aí um poderoso ideal de retorno à terra, sentimento próprio a uma minoria de intelectuais das classes médias urbanas, já que a maioria da população vivia, ainda por essa época, no campo. Descompasso com a Europa moderna, alheamento da realidade, traços solidários e contraditórios da cultura portuguesa do oitocentos.

A narrativa toda resume-se a quadros de costumes idealizados, que serviria de modelo para a voga do “conto rústico”, onde se destacam nomes como os de Júlio Dinis, Teixeira de Queirós, Trindade Coelho e Fialho de Almeida, já no fim do século. Um dos momentos altos da obra é sem dúvida o anátema lançado contra as cidades, a simbolizarem a decadência da alma dos campos, da alma portuguesa:



Os sinos, colocados em campanário de paróquia aldeã ou de mosteiro solitário, são uma coisa poética e santa: os sinos, pendurados nas torres garridas das garridíssimas igrejas das cidades de hoje, são uma coisa estúpida e mesquinha. O sino é um instrumento acorde com as vastas harmonias das serras e dos descampados. Assim como o órgão foi feito para reboar pelas arcarias profundas de uma catedral gótica, do mesmo modo o sino foi perfilhado pelo cristianismo para convocar os seus humildes sectários ocupados nos trabalhos campestres.⁹

Foi ainda sob este mesmo influxo que Herculano atacou o problema social criado pelo início da industrialização em cidades como Lisboa e Porto. Propôs o fomento agrícola (sobrepuesto ao industrial) e a divisão cautelosa e lenta da propriedade rural. Projetos agriculturistas como este, que viam na agricultura uma espécie de vocação natural de todos, inclusive a deles, literatos, em geral proprietários de terras¹⁰,

⁷ SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Porto, Porto Editora, 2000, p. 714.

⁸ LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média. Tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa: Estampa, 1993.

⁹ HERCULANO, Alexandre. **Lendas e narrativas**. Lisboa: Bertrand, s.d., p. 130.

¹⁰ MARGARIDO, Alfredo. “Quelques mythes agriculturistes et instructionnistes dans la pensée et la pratique portugaise (particulièrement chez António F. de Castilho) pendant la première moitié du

seriam levados muito a sério por outro membro ilustre da geração romântica, António Feliciano de Castilho (1800-1875). Em *Felicidade pela agricultura* (1849), espécie de ensaios jornalísticos, ele pinta a excelência da vida rústica e do trabalho rural. A agricultura é vista como a única tendência real para a socialização do homem e os lavradores como os “cidadãos pacíficos e patrióticos” por excelência. “O povo português”, diria, rememorando o tempo em que viveu em S. Miguel, “reaparecerá aos olhos do mundo tão grande e magnífico nos seus trajos de lavrador, e coroado de oliveira, como outrora soldado e conquistador, coroado de louros”.¹¹

Ainda sob o influxo do chamado romantismo literário, mas pertencendo já a uma outra geração, está a obra de Júlio César Machado (1835-1890), obra de impressões de viagem e de evocação, muito influenciada pelo pitoresco regional de *Viagens na minha terra*. Ramalho Ortigão (1836-1915) – *Notas de viagem* (1880), *Pela terra alheia* (1878) e *Farpas I: a vida provincial* (1885-1886) – e Bulhão Pato – *Paisagens* (1871) e *Sob os ciprestes* (1877) – seriam dois dos principais herdeiros seu.¹²

Contemporâneo de Júlio César Machado e também influenciado pelo *Pároco da Aldeia* foi Rodrigo Paganino (1835-1863). Os diversos contos reunidos sob o título de *Os contos do Tio Joaquim* estão ligados pela personalidade do seu suposto autor e narrador, camponês de passado enigmático, que, nas folgas do trabalho da lavoura, conta aos companheiros casos edificantes de sua experiência, peneirados pelo saber de antigo frade. Além de todo o ambiente campesino idealizado, prega em um dos contos a renúncia do trabalhador rural a melhorar a sua condição; e inclui noutro as consequências desastrosas – moral, social, familiar – de se ser ateu. O sucesso do livro é o primeiro sinal vivo da larga e perdurável fortuna que vai ter em Portugal o conto rústico.¹³

Entre os que saudaram o seu aparecimento e se declararam por ele influenciados conta-se Júlio Dinis (1838-1871). As suas faculdades de observador de

XIXe siècle”, in: BAYERLEIN, Bernhard. *Utopie et socialisme au Portugal au XIXe siècle*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1982, p. 535-586.

¹¹ LEONIDIO, Adalmir. **Positivismo e utopia: as idéias do socialismo utópico no Brasil na segunda metade do século XIX**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, CPDA/UFRRJ, 2003, p. 76.

¹² SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Porto, Porto Editora, 2000, p. 766-767 e 773.

¹³ *Ibid.*, p. 766-767 e 773.

ambientes, contornos e tipos humanos fazem de *Uma família inglesa* (1868) um romance de costumes rurais. Até então, na literatura portuguesa, a presença do ambiente reduzira-se, quer à anotação da cor histórica pitoresca, quer ao tratamento romântico da paisagem. Júlio Dinis é quem, pela primeira vez, descrevendo interiores ou cenas ao ar livre, projeta ambientes portugueses que integram as personagens em flagrantes atmosferas sociais. Em *As pupilas do Senhor Reitor* (1866) parece haver o propósito de gravar uma moralização de costumes pela vida rural e pela influência de um clero convertido ao liberalismo, ideia sugerida pelo *Pároco na Aldeia*. Assim como *Os contos do Tio Joaquim*, este também foi um grande sucesso de vendas em Portugal. Em *A morgadinha dos canaviais* (1868), saindo do horizonte da aldeia, mas de seu estado de espírito, o autor foca temas como o da corrupção dos costumes políticos e os reflexos sociais e mentais da modernização técnica, através da construção de um troço da via-férrea. É digno de nota o contraste entre a mentalidade ligada à experiência rural e a vivência citadina que inspira o episódio da crise de adaptação inicial do jovem protagonista, ao cabo de uma jornada de mula (que parece continuar as *Viagens na minha terra*).

Os fidalgos da casa mourisca (1871) é um dos mais populares romances portugueses e comumente aceito como a obra prima de Júlio Diniz. Nele, o romancista pinta a vida rural portuguesa com tamanha fidelidade, que quase o confundimos com um pintor. Inicialmente, ele aparenta prefigurar uma oposição entre os novos ideais liberais de Lisboa e os velhos hábitos de corte da aristocracia decadente em Portugal, aqui representados pela “Casa Mourisca” dos Negrões. Contudo, os valores que se opõem aos da corte não são os da burguesia citadina, comercial e industrial, mas os de um campo renovado, representado pela figura do fazendeiro industrial, Tomé da Póvoa. Neste sentido, percebe-se mesmo que não se trata de oposição, nem tão pouco de aliança “da nova burguesia rural com a velha aristocracia decadente”,¹⁴ mas de harmonização entre o velho e o novo. Seja como for, a salvação ou a regeneração aqui vem do campo e não da cidade. O diálogo a seguir, entre Jorge, um dos fidalgos da casa, que desesperadamente foge à decadência quase inevitável, e Tomé da Póvoa, é elucidativo neste sentido:

¹⁴ SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Porto, Porto Editora, 2000, p.769-771.

- Olhe, Sr. Jorge, se eles não se ocuparam dos seus bens, e não sentiram o mal, é porque tinham ainda muito o que perder (...)
- Entendo, Tomé, entendo, e creio que é essa a verdade. Além de que, naqueles tempos, as classes privilegiadas podiam entregar-se sem receio a uma vida de incúria e de dissipação, porque os privilégios velavam por elas e remediavam-lhes os devaneios (...) E não será ainda possível sustentar aquela casa na sua queda?
- Entregue-a às mãos de um lavrador, de um homem de trabalho, que possa dispor de alguns capitais para os primeiros tempos e verá.¹⁵

No fim, é a “felicidade pela agricultura”, como pregava Feliciano Castilho. O tema também não foi alheio a Camilo Castelo Branco (1825-1890), que em *Coração, cabeça e estômago* (1862) faz uma vigorosa apologia do tipo da camponesa sadia, não contaminada pelos vícios da cidade. As *Novelas do Minho* (1875-77) são marcadas pela observação dos tipos e da linguagem da população rural minhota, a mesma de *Os fidalgos da casa mourisca*.¹⁶

Com a chamada “geração de setenta” tem início um movimento de “renovação literária”, isto é, de crítica ao romantismo. O grupo que tinha à testa Antero de Quental, era composto por nomes como os de Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Adolfo Coelho, Guilherme de Azevedo, Oliveira Martins, Teófilo Braga, entre outros. Foi neste círculo que nasceu a iniciativa das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense. O programa das conferências, preparado e apresentado por Antero, ressalta o desejo de “ligar Portugal com o movimento moderno”, isto é, impulsionar a “ciência moderna” (na prática, adesão entusiástica ao cientismo positivista), o laicismo (crítica da Igreja), o realismo em literatura, as ideias republicanas e socialistas.¹⁷

Mas apesar da euforia modernizante, os temas rurais não perderiam força, antes o contrário. Além disso, como mostrei em outro artigo, há importantes linhas de continuidade da nova geração que se começa a formar com a geração anterior, representada por homens como Garret e Herculano.¹⁸ Antero de Quental (1842-1891) iniciou sua carreira literária sob o influxo do romantismo. Suas primeiras prosas publicadas datam do período que vai de 1857 a 1861 e refletem bem a influência de seu

¹⁵ DINIZ, Júlio. **Os fidalgos da casa mourisca**. Rio de Janeiro: Saraiva, 1970.

¹⁶ Ibid., pp. 785-786.

¹⁷ LEONIDIO, Adalmir. “Os vencidos da vida: literatura e pessimismo em Portugal no século XIX”, **Via Atlântica**, São Paulo, n. 6, 2003, p. 86.

¹⁸ LEONIDIO, Adalmir. “Os vencidos da vida: literatura e pessimismo em Portugal no século XIX”, **Via Atlântica**, São Paulo, n. 6, 2003.

mestre António Feliciano de Castilho: “A agricultura é a melhor e mais verdadeira mãe dos povos, e, como diz Castilho, só um povo que lhe quer, só esse é rico, rico sem fausto, mas sem receio de empobrecer”.¹⁹ Sob esta inspiração agriculturista desenvolveu a ideia de criar “bibliotecas rurais ambulantes”. Entre as obras que delas deveriam fazer parte, lá estava, em destaque, *Felicidade pela agricultura*.

Em 1865 Antero romperá com seu antigo mestre António Feliciano de Castilho. O rompimento é declarado num texto intitulado “Bom senso e bom gosto”, dando origem à chamada “Questão Coimbrã”. Mas não rompe com certo lirismo provinciano que herdara do mestre. Em janeiro de 1867 Antero, estando em França, escreve a Alberto Sampaio extensa carta, onde o que sobressai é o tom de desânimo, não obstante houvesse passado apenas dois anos da célebre “Questão Coimbrã”, onde parecia muito empolgado com a chamada “ideia nova”. Para finalizar manifesta seu desprezo pela civilização e pelo mundo urbano de Paris: “Desejo é viver no campo, trabalhar mas do trabalho harmonioso da lavoura, ser homem justo, mais porém no sentido antigo da palavra do que no moderno.”²⁰

Acentuaria ainda, em junho de 1880, em carta ao mesmo Alberto Sampaio, certa aversão ao mundanismo político e à vivência cidadina:

Isto aqui está absolutamente podre. Fujo de ler jornais e de falar com pessoas que os leem, para me esquecer de que vivo nesta capital da baratária. Como Lisboa seria linda se fosse uma simples cidade de província! Mas estes ares de corte, estes políticos, estes burocratas estragam e maculam os mais belos dons da natureza!²¹

Eça de Queirós também não ficou imune ao tema, opondo à poluição mecânica das grandes cidades uma versão mais ou menos idílica da ruralidade portuguesa.²² São três as obras em que esta tendência nos escritos de Eça aparece. No conto *Civilização* (1892) e no romance *A cidade e as serras* (1901). Em carta a Eduardo Prado, datada de Paris de 1888, Eça já revelava a sua secreta admiração pelo mundo rural:

E considere agora como seria deliciosamente habitável um Brasil brasileiro! Por toda a parte, ricas e vastas fazendas. Casas simples,

¹⁹ LEONIDIO, Adalmir. “Os vencidos da vida: literatura e pessimismo em Portugal no século XIX”, **Via Atlântica**, São Paulo, n. 6, 2003.

²⁰ Ibid.

²¹ Ibid.

²² Ibid.

caídas de branco, belas só pelo luxo do espaço, do ar, das águas, das sombras. Largas famílias, onde a prática das lavouras, da caça, dos fortes exercícios, desenvolvendo a robustez, aperfeiçoaria a beleza. Um viver frugal e são; ideias claras e simples e uma grande quietação da alma; desconhecimento das falsas vaidades.²³

No conto *Civilização* o personagem Jacinto encarna o típico homem civilizado, apóstolo do progresso e das modernas maquinarias. Mas no fundo de sua alma restava uma inexplicável tristeza. Sua vida, pesada, insípida, preguiçosa, só encontrava refúgio nas leituras de Schopenhauer e do *Eclesiastes*. “Porquê”, perguntava-se Eça. “Sem dúvida porque ambos esses pessimistas o confirmavam nas conclusões que ele tirava de uma experiência paciente e rigorosa, que tudo é vaidade ou dor, que quanto mais se sabe, mais se pena”.²⁴ Sucedeu então que Jacinto teve a “necessidade moral iniludível” de ir para uma quinta, situada nas “serras” do norte de Portugal. Lá, segundo o narrador, o ar era “de uma doçura de paraíso” e sua beleza bucólica o toque do “divino artista”. A princípio desolado e raivoso, Jacinto balbuciava “É horroroso!”, no que o seu amigo e narrador remendava “É campestre!”. Mas as resistências de Jacinto vão-se deixando absorver vagarosamente pela “magia esplendorosa” daquele meio. A lição básica é a reintegração mais imediata possível dos seres humanos no Todo de que as mediações técnicas os exilaram, filosofia que seria retomada nas *Prosas bárbaras* (1903): “Na Terra tudo é vivo e só o homem sente a dor e a desilusão da vida.”²⁵

A *cidade e as serras* retoma o ceticismo tecnológico, científico e filosófico de *Civilização*. A crítica à civilização urbana é permeada de sobrevivências rurais nortenhas do mito sebastianista e da bucólica portuguesa. Há ainda *A capital* (1878), onde Arthur Curvelo, considerado um dos personagens mais autobiográficos de Eça, prefigura a frustrante vivência cidadina deste fim de século XIX português.

A partir dos anos noventa tem início a chamada “voga do conto e do romance rústicos”.²⁶ Em Abel Botelho (1856-1917), naturalista da escola de Zola, é possível encontrar o tema em *Mulheres da Beira* (1898), uma série de contos onde se

²³ LEONIDIO, Adalmir. “Os vencidos da vida: literatura e pessimismo em Portugal no século XIX”, *Via Atlântica*, São Paulo, n. 6, 2003.

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid.

²⁶ SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2000, pp. 896-899.

destaca o cenário rural e o pitoresco. Por seu lado, Teixeira de Queirós (1849-1919), sobretudo em *Comédia do campo* (1876) e *Arvoredos* (1895) evoca o tempo da sua infância na aldeia natal, da pastorícia serrana por que começou, dos vinhedos e dos milharais do Minho, de certas atividades, tipos aldeãos e das festividades populares, sem grandes preocupações de análise sociológica, como em Abel Botelho, mas com certo pitoresco afim do de Júlio Dinis. Há também os *Contos* (1874), *O selo da roda* (1876) e *Serões de inverno* (1880), de Pedro Ivo (1842-1906).

O mais característico representante do gênero é também o seu melhor cultor, José Francisco Trindade Coelho (1861-1908). O livro de contos *Os meus amores* (1891) é uma obra de evocação saudosista do viver campesino confundido com as recordações da infância e que se tornou como que um paraíso perdido para o cidadão fatigado. Trindade Coelho limita-se a evocar tipos e ambientes da aldeia com uma simpatia de raiz que vai até aos bichos. No entanto, todo o conjunto insinua um tipo de vida utopicamente exemplar, mesmo nos seus conflitos. Num conto notável, *Terra mater*, os soldados, nostálgicos da aldeia de onde foram arrancados, consideram, por contraste com a vida atual, a eminência da vida rural. Há ainda outros autores menos conhecidos, tais como: Alberto Braga (1851-1911), com seus *Contos da minha lavra* (1879) e *Contos da aldeia* (1880); Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), *Serões no campo* (1877); José Augusto Vieira (1856-1890), este mais conhecido, graças a sua obra *Fototipias do Minho* (1879).

Com Fialho de Almeida (1857-1911) tem início a formação do estilo decadente, a partir de contradições internas do naturalismo. O seu livro *País das uvas* é uma evocação de sua terra natal, um vale fértil encravado no Baixo Alentejo. Compõe-se, em termos de estrutura, de vinte e três textos de variado estilo: conto, novela, prosa poética, balada e fábula. Recuperada do romantismo, perpassa todo o livro a típica dicotomia campo e cidade, tão marcante em obras como as de Almeida Garret e Alexandre Herculano. O mundo rural representa aí a idade de ouro perdida, que se pretendia fazer renascer, mas que a bem da verdade se arrastava como um peso morto sobre as costas de poucos centros industrializados como Lisboa e Porto. Este mundo não é em Fialho de Almeida um mero cenário por onde se movem a gente campesina, mas o elemento que condiciona as situações de conflito entre as personagens. Por seu lado, a cidade representa o palco das lutas de interesses puramente materiais e de desenfreada

corrupção. Lisboa é um antro de perdição, por onde se movem criaturas promíscuas e mórbidas, levando uma existência fútil e assente em falsos valores.

“As vindimas” é um dos textos líricos que mais se distinguem na prosa poética de *O país das uvas*. Caracteriza-se pelo “recurso frequente à metáfora e pela musicalidade das palavras e das construções sintáticas”.²⁷ E é aquela que melhor representa aquele alheamento típico da alma romântica portuguesa, sofrendo por causa da cisão que nunca houve:

Agosto passa (...) e uma nostalgia de campo acode ao espírito de quem como eu, tem cá dentro, sob os invólucros postiços dum pensador e dum artigoleiro, a alma cândida, contemplativa, simplória, dum aldeão tresviado à cultura dos seus campos, e dum lavrador cativo, que a todos os instantes suspira pela rabicha do arado.²⁸

Tradicionalistas, neogarrettianos, neoromânticos, lusitanistas, passadistas, saudosistas, nacionalistas, todos vão empolgar-se grandemente com esta voga do conto rústico. No palco, *A morgadinha de Valflor*, de Pinheiro Chagas, fazendo a exaltação, à Júlio Dinis, dos valores da tradição rural, manteve-se anos e anos como um grande êxito de cartaz. Em *Filho das ervas* (1900), Carlos Malheiro Dias (1875-1941) alimenta o ideal de um retorno aos domínios rurais. Do mesmo sonho era nutrido o romance *Marques, história de um perseguido* (1903), de Afonso Lopes Vieira. Desenha-se a Terra como uma grande quinta, farta e saudável, onde os homens viviam da sua mãe agora bendita e comum: a terra. Embora mais utópica, trata-se da mesma visão idílica da vida rural ou da nostalgia da sociedade patriarcal. Enfim, ruralidade como tema dileto.

HIPÓTESES PARA PENSAR A CULTURA PORTUGUESA DOS OITOCENTOS

A questão central que estrutura a presente pesquisa pode ser enunciada a partir de uma anedota. Dois homens de idade já um tanto avançada conversam em uma cidade europeia, quando, repentinamente, um deles vira-se para o outro e, com certo desapontamento, diz: “A estiagem foi longa este inverno. Parece que não vamos ter batatas este ano”. Esta conversa não se passa em meados do século XIX, nem numa aldeia qualquer do Minho. Ela ocorreu no início do século XXI, em uma das mais importantes cidades portuguesas, Lisboa. Cenas como esta, que não são nada raras no

²⁷ MARTINS, Maria da Graça Orge. “Introdução”. In: Fialho de Almeida. *O país das uvas*. Lisboa: Ulisseia, 1987, p. 32.

²⁸ ALMEIDA, Fialho. *O país das uvas*. Lisboa: Ulisseia, 1987, p. 59.

centro da Lisboa atual, é que devem ter levado Antero de Quental a concluir, numa época de urbanização bem mais duvidosa, nos anos sessenta do século XIX, que o campo é a “alma-mater” do povo português. E se a boa pátria é a mátria, como repetiriam à saciedade os positivistas de todo o mundo, porque não ver neste estado de alma um dos mais fortes pilares do modo de ser e de estar, de sentimento de pertencimento, do português oitocentista, muito para além da frustração pátria decadentista e seu correlativo movimento nacionalista de fim de século, também este profundamente tradicionalista, que se inicia lá para os idos de 1890?

Com o centro dinâmico de sua economia voltado para além-mar, Portugal entra na idade moderna com as costas voltadas para a Europa.²⁹ Disso resultaria um modo de vida provinciano, rotineiro, que lhe ia marcar fundamente. Cada região tinha seu ritmo próprio de vida, longe das injunções do mercado. Daí que até data muito avançada do século XIX as feiras e mercados tenham desempenhado papel central na economia portuguesa. Papel que embora tenha diminuído, nunca perdeu de todo o seu significado cultural. Eles eram a ligação mais concreta e palpável da vida do campo com a vida da cidade.

Durante todo o século XIX português o mundo rural predomina, tanto do ponto de vista socioeconômico quanto cultural.³⁰ Quando se inicia o processo de industrialização em Portugal, por volta da metade do século, o movimento migratório predominante não é do campo para a cidade, mas para além-mar³¹. A passagem do mundo rural para o mundo urbano é difícil. A vida urbana apenas toca uma pequena parte da população nacional. A sua grande maioria, fixada nos campos, se manteve alheia aos novos ritmos, característicos das cidades, pequenas e muito distantes. País de campos, aldeias e vilas, olhando de muito longe, em termos socioculturais, para a

²⁹ Ver a este respeito SERRÃO, Joel. **Temas oitocentistas I**. Lisboa, Horizonte, 1980.

³⁰ A este respeito consultar as seguintes obras: FONSECA, Carlos da. “La classe ouvrière portugaise entre la tradition et la modernité”, in: BAYERLEIN, Bernard. **Utopie et socialisme au Portugal au XIXe siècle**. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 369-414; MEDEIROS, Fernando. “Esquisse d’analyse des tentatives de réalisation d’une culture ouvrière”, in: Ibid., pp. 415-448; SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Europa-América, 1999; SERRÃO, Joel. Ibid.; SERRÃO, Joel. **Temas de cultura portuguesa**. Lisboa: Horizonte, 1983.

³¹ No romance de Júlio Diniz, *Os fidalgos da casa mourisca*, Maurício, um dos fidalgos da casa, é questionado pelo pai se deseja ir para o Brasil, ao manifestar seu descontentamento com a decadência porque passa a família. Em outras palavras, Segundo esta visao, se não era possível mais viver no campo, antes ir para o Brasil do que migrar para Lisboa, destino trágico do qual, afinal, seria ele vítima.

miragem de Lisboa e Porto, ele pulsava bem mais ao sabor das conjunturas emigratórias do que aos tímidos apelos urbanos.

Fora de Lisboa e Porto dificilmente se pode articular o conceito de vida urbana, ou assimilar o trabalhador industrial a este tipo de população. Na maioria das vezes, o operário habita as comunidades rurais das aldeias circunvizinhas. Cerca de 1870, se o trabalho no interior da usina é de tipo industrial, o estilo de vida dos operários, seus hábitos são perfeitamente agrários. Os operários não vão à cidade senão para concluir sua tarefa penosa e, uma vez liberados, retornam ao campo. Este extrato populacional conserva-se, pois, em estado semirural e semiproletarizado. Há quem fale na existência de um *continuum* rural-urbano no interior mesmo do espaço urbanizado.³²

A situação não era muito diferente em relação às classes mais abastadas. As sucessivas gerações de escritores que aparecem na história portuguesa ao longo da segunda metade do século XIX tem sua origem no campo. Raros são aqueles que são crias de cidades como Lisboa e Porto. A maioria deles continuará a vê-las como pouco mais que uma miragem. É que a propriedade rural servia então claramente de base às instituições, embora a maior parte dos leitores vivesse em meio urbano. Dela partiam para a universidade, por vezes, via seminário, adolescentes abastados ou protegidos – numerosos intelectuais portugueses pertenciam a famílias de proprietários rurais, a ela estava ligada por laços mais ou menos diretos quase toda a burguesia provinciana e grande parte da de Lisboa. Não é de surpreender, pois, o sucesso do conto e do romance rústicos.

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

A vida na cidade, de forma inconsciente, continuará a ser encarada como um acidente da natureza. É como se a alma do campo perambulasse pela cidade. Este o significado essencial daquela vivência que Joel Serrão descreveu como “o tédio citadino”.³³ Em oposição a esta “vivência citadina” está a “experiência rural”, razão e motor do sentimento saudoso, o sentimento do exílio da alma em sua própria terra. Talvez esteja aí precisamente a razão do persistente retorno aos temas rurais, nesta necessidade silenciosa de intercambiar experiências significativas.

³² MEDEIROS, Fernando. *Ibid.*, p. 423.

³³ SERRÃO, Joel. **Temas oitocentistas I**. Lisboa, Horizonte, 1980, pp. 140-146.

Walter Benjamin distinguiu dois tipos de narradores, exemplificando-os através do “camponês sedentário” e do “marinheiro comerciante”. Ambos representam uma experiência que vem de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição – e que é possível transmitir.³⁴ Não seria este o tipo de narrador-viajante que tentou encarnar Garrett ao fazer suas *Viagens na minha terra*? Não seria menos exemplar *Os contos do Tio Joaquim*, de Rodrigo Paganino. Os diversos contos reunidos sob este título estão ligados pela personalidade do seu suposto autor e narrador, camponês de passado enigmático, que, nas folgas do trabalho da lavoura, conta aos companheiros casos edificantes de sua experiência, peneirados ainda pelo saber de antigo frade. Ainda que apenas uma ínfima minoria das narrativas ligadas aos temas rurais esteja diretamente relacionada a histórias orais, a grande maioria delas espelha a experiência mais marcante da vida portuguesa nos oitocentos: o campo, as aldeias, as vilas.

Esta experiência dos portugueses com o campo, ligada a uma tradição persistente, pode ser melhor visualizada quando estabelecemos como termo de comparação um outro país como o Brasil, que também teve, até avançada época, uma situação similar de atraso, de persistência das estruturas rurais tradicionais e de domínio do trabalho agrícola, bem como um certo sertanismo e regionalismo em literatura, que tendia a ver nos ermos sertões o Brasil autêntico, mas que não teve esta relação umbilical que o povo português teve com o campo, este estado de alma tão característico, que iria marcar uma boa parte de sua literatura e de sua cultura em geral. Embora não seja este o momento adequado, seria imensamente revelador um estudo comparativo entre estas duas realidades da literatura luso-brasileira.

RECEBIDO EM: 02/03/2016

PARECER DADO EM: 13/10/2016

³⁴ BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: **Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993, pp. 197-221.